

Exposição sobre islã no CCBB do Rio traz acervos da Síria e do Irã

Mostra começa amanhã com mais de 300 peças, muitas das quais nunca haviam saído de seus países

Itamaraty intermediou contatos depois que colecionador privado desistiu de negociações para a exposição

CLAUDIA ANTUNES
DO RIO

Um chafariz de 750 quilos encomendado na Síria transformará o hall do prédio neoclássico do CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil), no centro do Rio, num pátio de arquitetura islâmica.

Oito bancos junto à fonte e decoração inspirada na Grande Mesquita de Damasco, sede do primeiro califado, completam o cenário de abertura da exposição "Islã", que começa amanhã.

A mostra ocupará o térreo e o primeiro andar e se inscreve no rol de exposições históricas do CCBB, que já tratou de África (2003), América precolombiana (2004), América Latina (2005) e Portugal (2008). "Islã" abará 13 séculos, da "revelação" do Alcorão a Maomé, na península Arábica do século 7, ao fim do Império Otomano.

Incluirá o período, na Idade Média ocidental, em que pensadores muçulmanos recuperaram a filosofia da Antiguidade grega e lideraram estudos de astronomia, medicina e matemática.

O árabe do Alcorão — que pode ser interpretado, mas não traduzido — foi fator de coesão em domínios que, até o século 15, se estendiam à península Ibérica. Portanto, a arte da caligrafia na língua que nos legou palavras como algodão, alface, frango e moleque terá destaque.

Entre tapetes, cerâmicas, jóias, gravuras, vestimentas e instrumentos científicos, são mais de 300 peças.

A maioria veio de museus da Síria e do Irã e nunca havia saído desses países. Os objetos do norte africano vieram da BibliAspa (Biblioteca



Jarro de cerâmica do século 12/13

Vestimenta de algodão cru do século 19, do Museu das Tradições Populares

Astrolábio plano de bronze do século 12/13

Tamanco para banho

América do Sul-Países Árabes) e da Casa das Áfricas.

"Queremos criar um diálogo com o público baseado em informações elementares da cultura islâmica, para que tire suas conclusões", diz Rodolfo Athayde, idealizador e um dos curadores de "Islã" e que montou, entre outras, a "Virada Russa" (2009).

"A intenção é mostrar como o islã não é monolítico e dialoga com tradições distintas", diz Paulo Daniel Farah, professor da USP e diretor da BibliAspa, correalizador e coordenador da mostra.

As boas relações da diplomacia brasileira com Irã e Síria ajudaram a assegurar a

exposição. O projeto foi aprovado há dois anos, mas oito meses atrás o britânico de origem iraniana David Khalili, dono da maior coleção privada de arte islâmica e que forneceria grande parte das peças, desistiu de negociar.

A BibliAspa já negociava com museus sírios uma exposição no Brasil em 2011. Transferiu esforços para a mostra atual.

Farah negociou a vinda de nove toneladas de objetos dos museus Nacional de Damasco, de Aleppo e de Tradições Populares sírio.

Os contatos com a Embaixada iraniana, intermediados pelo Itamaraty, começa-

ram em julho. De Teerã, Athayde trouxe peças dos museus Nacional do Irã, dos Tapetes e Reza Abassi.

O curador lamenta não ter conseguido jóias do Palácio Topkapı, na Turquia. Mas diz que as fontes deram dois "valores próprios" à mostra: o fato de a Síria ter sido parte da era fundacional do islã e a montagem independente, sem pacote pronto.

O islã se opõe à representação de seres humanos. Isso motivou o uso das formas geométricas e florais predominantes na mostra.

Os arabescos também têm sentido religioso, diz Farah: "Quando olhamos o todo, há

a ideia de que Deus é único. De perto, vem a multiplicidade da criatura".

Mas há pessoas em ilustrações literárias, que incluem os clássicos "Shahnameh", o Livro dos Reis persa, e "Laila e Majmun", saga árabe de um jovem que enlouquece e pega fogo quando o pai proíbe que se case com a amada.

A mostra segue a São Paulo (17/01) e Brasília (24/04).

ISLÃ

ONDE CCBB Rio, r. Primeiro de Março, 66, centro

QUANDO de amanhã a 26 de dezembro, ter, a dom., 9h às 21h

QUANTO grátis

CLASSIFICAÇÃO livre

Fotos Divulgação

Treze séculos de cultura islâmica dominam o CCBB

A exposição 'Islã' abre hoje entrelaçando as noções de História, religião e arte

CASTIÇAL de bronze do século XIV (ao lado) e, à direita, a partir do alto, tamancos do século XX, prato de bronze do século XIV com a inscrição "felicidade" e um Alcorão com páginas douradas, do século XVII. Entre as 300 peças na mostra



Suzana Velasco

Nem sempre a palavra Islã povoa o imaginário ocidental de forma positiva. Mas pouca gente conhece de fato a tradição islâmica, que se propagou desde o século VII e, mesmo com uma origem comum, ganha contornos distintos mundo afora. O Rio terá a chance de se aproximar dessa cultura na exposição "Islã", que será inaugurada hoje, às 19h, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), com curadoria de Rodolfo Athayde e Daniel Farah. Em cerca de 300 obras, a mostra abarca 13 séculos de arte islâmica, do VIII ao início do XX, com peças de coleções de importantes instituições da Síria, como o Museu Nacional de Damasco, e do Irã, como o Museu Reza Abassi, em Teerã, além de obras do Acervo Casa das Árabes e da Biblioteca e Centro de Pesquisa América do Sul — Países Árabes, em São Paulo.

— Os extremismos islâmicos são hoje um tema da mídia, e a exposição traz a possibilidade de entender melhor essa cultura, que é vinculada à religião. A ideia é oferecer uma janela para o diálogo — diz Athayde, idealizador da mostra. — As obras não vieram de coleções montadas na Europa ou nos Estados Unidos. Foram diretamente à fonte. A Síria foi o território fundacional da primeira grande dinastia islâmica, e o Irã tem uma cultura profunda, com um legado não árabe da cultura muçulmana.

Pátio cenográfico na rotunda

Na rotunda do CCBB, a cenografia já começa a ambientar o espectador para o que está por vir, com a reprodução de um pátio interno típico da arquitetura muçulmana, com padrões geométricos da Grande Mesquita de Damasco. No primeiro andar, um portal inspirado nas mesquitas persas recebe o visitante numa sala introdutória, que destaca os diferentes tipos de objetos e materiais que serão vistos ao longo do percurso. Ali,

quatro mapas mostram os períodos de expansão e retração do Islã pelo mundo, da Península Ibérica ao Norte da África, da ocupação de Istambul à chegada ao Sudeste Asiático.

— Uma linha do tempo val do nascimento do profeta Maomé até o período após a Segunda Guerra Mundial, quando se conformam os Estados nacionais islâmicos atuais — diz Athayde, que buscou dar um panorama de alguns dos princípios que norteiam a arte islâmica. — Não existe a prescrição de um estilo artístico, mas características comuns, como a caligrafia e os padrões ornamentais, por excelência geométricos. Há uma busca de harmonia por meio de conceitos, assim como o Deus do Islã é abstrato, nunca representado.

Na segunda sala, mantém-se uma preocupação educativa e de estímulos lúdicos, com uma tela *touch screen* na qual se podem construir padronagens da arquitetura islâmica e uma projeção em 360 graus que leva o visitante a diversas mesquitas do mundo.

— Não tenho medo da palavra "didático". É uma exposição grande, para uma plateia ampla, com conhecimento superficial ou quase nulo do assunto — explica o curador.

Em seguida, a mostra passa a se aprofundar em aspectos específicos da arte islâmica, a começar por uma seleção de cerâmica e objetos em vidro dos séculos VII ao XIII. Há ainda pe-

dras de caráter funerário, uma madeira do século XI, talhada com inscrições, além de peças que cobriam as fachadas do Palácio de Al Gharbi, na Síria, onde reinou a dinastia dos Omíyadas, nos séculos VII e VIII.

Sobretudo nessa primeira fase islâmica, os muçulmanos aproveitaram o legado que tinham, como as colunas dóricas, jônicas e romanas. Isso pode ser visto muito bem na Igreja de Damasco.

Caligrafia tem papel central

Assim como Alá é uma abstração, não podendo de forma alguma ser representado, também é praticamente nula qualquer outro tipo de representação na arte islâmica. A exceção são as iluminuras, miniaturas que, como explica Athayde, surgem no período de expansão mongol na Ásia. A influência asiática é percebida nos traços das figuras humanas.

No lugar da representação, a caligrafia tem papel central, pois é a escrita o meio de propagação dos princípios religiosos. A caligrafia adquire um caráter estético, ornamental, que se faz notar por toda a exposição, mas que é ressaltado numa sala especial. Ali, estão reunidas peças como Alcorões de mais de 500 anos; tecidos da Pérsia, do século XVII, em que fios de ouro reproduzem uma surs, versículo do Alcorão; uma mortalha com influência da escrita cítica, um dos mais antigos tipos de caligrafia árabe, de traços bem angulados; e inscrições em madeira ta-

lhadas pelos tuaregues, povos nômades do deserto do Saara, além de pinturas do século XX, que mantêm a tradição da caligrafia como arte.

— No período medieval cristão, o mundo islâmico tinha um alto fluxo de informação e comércio e grande tolerância com outras culturas. As sociedades eram letradas, pela necessidade de transmissão da palavra de Deus. Havia pouco analfabetismo, muito menos do que na Europa nessa época.

A exposição se completa com escudos, capacetes, armaduras, tapetes persas e cerâmicas esmaltadas em azul. Por fim, estão reunidos objetos do século XIX provenientes do Palácio Azem — hoje Museu das Tradições Populares, em Damasco —, como instrumentos, banús em madreperla, armas, sabres, adagas, tamancos, tecidos e roupas típicas do Império Otomano. Para Athayde, esse é um núcleo importante para se perceber a marca da tradição islâmica no cotidiano, facilitando ainda mais o diálogo com uma outra cultura:

— A Síria é um Estado com características laicas, onde muçulmanos e cristãos convivem em harmonia. É um exemplo de tolerância na região — diz Athayde. — Damasco é um labirinto de mercados milenares e palácios escondidos. Terá é tipo São Paulo, só que mais decadente. São duas capitais modernas cujas culturas, com todas as suas contradições, precisavam ser conhecidas. ■



ASTROLÁBIOS dos séculos XIX e XVIII e um candelabro de mesquita, do século X: preciosidades